

## TRÊS RECENTES EDIÇÕES E TRADUÇÕES DE PETRÔNIO

- Petronius, *The Satyricon*, a new translation by P. G. Walsh. Oxford: Oxford University Press, 1997, 212p. ISBN 0192833057.
- Pétrone, *Satiricon*. Texte établi par Alfred Ernout; amendé, traduit et commenté par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2002, 320p. ISBN 2251799656.
- Petrônio, *Satyricon*. Tradução e posfácio de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004, 323p. ISBN 858796108X.

Três edições recentes demonstram o interesse renovado e crescente por uma obra antiga *sui generis* como o *Satiricon* e a diversidade de abordagens e pontos de vista, tanto sobre o romance como sobre quais as estratégias de tradução a serem adotadas. Os três autores possuem credenciais particulares, a começar por Peter Walsh, talvez o maior especialista no romance latino, autor do clássico *The Roman novel* (originalmente publicado em 1970). Olivier Sers tem se notabilizado pelas edições e traduções recentes da coleção *Les Belles Lettres*, enquanto Sandra Braga Bianchet, professora de língua e literatura latina da UFMG, escreveu tese, defendida na USP<sup>1</sup>, que resultou na edição da editora Crisálida. Apresentam, portanto, perfis diversos, que resultam em edições também variadas. Walsh utilizou-se do texto estabelecido por K. Müller, disponível na Teubner; Sers baseou-se no texto de Ernout, emendando-o, tendo servido a versão original da *Belles Lettres* de base também para Bianchet.

As principais questões, já seculares, sobre a obra encontram respostas muito diversas. Walsh considera que o autor tenha sido Petronius Arbiter, citado por Tácito, tendo o romance sido escrito em 65 d.C., ponto de vista compartilhado por Bianchet. Sers serve-se de René Martin, tanto em estudo clássico de 1975, como de recente publicação, para propor uma redação em época Flávia, portanto desvinculada do Petrônio neroniano. O nome da obra é o mesmo para Walsh e Bianchet, *Satyricon libri*, no genitivo plural, ou mesmo *Satyrica*, neutro plural, para Walsh; para ambos os autores, com alguma provável alusão à *satura* latina, enquanto Sers prefere *Satiricon*. Walsh,

1. Orientada por Zélia de Almeida Cardoso.

orientador da tese inovadora de Costas Panayotakis sobre a obra<sup>2</sup>, ressalta que há uma intenção cômica, relacionada ao mundo do mimo, muito próxima das suas apresentações com três atores em cena. Sers, ao contrário, considera a obra “se não como um romance realista, anacronismo conceitual evidente, ao menos como um romance do real observado, pouco recomposto por uma ótima romanesca” (p. xix). Bianchet não se manifesta a respeito, mas ressalta o caráter divertido e hilariante da obra, no que se aproxima de Walsh.

Bianchet, em seu posfácio, apresenta um estudo filológico sobre a língua latina usada por Petrônio, “fonte para o estudo do latim vulgar” (p. 291). Levou a cabo uma exaustiva análise estatística, tanto morfológica como sintática e lexical, do romance, concluindo que “foi possível demonstrar que é impropriedade a generalização de que, no *Satyricon*, os elementos de linguagem oral se restringem aos episódios da *Cena* e os elementos de linguagem culta se encontram nos demais episódios” (p. 321). Sers considera a obra um ‘documento lingüístico sem equivalente, já que, com exceção dos grafites, é o único documento subsistente do latim falado no primeiro século d.C.’ (p. xvi), ainda que nenhum dos três autores tenha se voltado para as diferenças, profundas, entre o latim petroniano e o das inscrições parietais pompeianas. De fato, Bianchet mostra, com suas estatísticas, que predominam no romance as construções da norma culta, como no caso notável da seqüência sujeito/objeto/verbo, enquanto, nas inscrições pompeianas, nas quais predomina perda da desinência do acusativo, as formas usuais seguem a seqüência sujeito/verbo/objeto<sup>3</sup>. Embora o autor retrate ambientes populares, busca antes o efeito cômico que a simples reprodução da fala popular de sua época (*pace* Walsh), pois era a um público letrado que sua obra se voltava, cheia de referências, *baigné de littérature*, nas palavras de Sers (p. xx).

As estratégias na tradução têm em comum o reconhecimento da dificuldade de recriar uma linguagem tão original, plena de coloquialismos, variações supostamente locais e solecismos. Alguns exemplos podem ajudar a avaliar as diferenças. Começemos por uma passagem da *Cena*, em que há divergência no estabelecimento do texto (capítulo 75, 11): *tamen ad delicias <femina> ipsimi <domini> annos quattordecim fui. Nec turpe est quod dominus iubet. Ego tamen et ipsimae <dominae> satis faciebam. Scitis, quid dicam: taceo, quia non sum de gloriosis*. Walsh prefere considerar que houve uma elipse de *natus* após *annos*. Bianchet adota um tom um pouco mais elevado e um vocabulário correspondente: “contudo, fui, durante quatorze anos, amante de meu dono. E isso não é vergonha alguma, pois é o dono que manda. Eu, no entanto, satisfazia também a esposa dele. O que vou dizer, vocês já sabem: eu me calo, porque não sou de ficar contando vantagens”. Sers utiliza-se de um tom mais informal: “j’ai quand même été quatorze ans le petit ami de Monsieur, il n’y a pas de honte si c’est le maître qui commande. Et puis

2. C. Panayotakis, *Theatrum Arbitri*. Leiden: Brill, 1995.

3. Cf. CIL IV, *figulus amat idaia(m)*, 2203 *futui mula(m) hic*.

tout de même je donnais aussi sa ration à Madame, vous voyez de quoi je parle, mais motus, je n'aime pas faire de flambard". Walsh opta por um registro mais vulgar e consegue dar conta do original *ad delicias* de forma convincente: "still, at the age of fourteen I was my master's favourite – there's no shame in doing your master's bidding. Mind you, I used to keep the mistress happy as well – know what I mean? I won't say more, for I'm not one to brag". A proposta de Walsh tem sentido, pois é difícil um *ad delicias* por quatorze anos seguidos, além de ser feliz na escolha do termo 'favourite'.

Outro trecho, bastante diverso, permite entender as escolhas dos tradutores. Em 111-112, Petrônio reporta a historieta da Dama de Éfeso, cujo original apresenta uma sutil alternância dos vocábulos elevados, por um lado – *matrona* e *uxor* –, e uma série de palavras menos nobres, como *femina*, *mulier*, *muliercula*, cuja manutenção na tradução não é nada fácil. Bianchet usa, para todas elas e invariavelmente, 'mulher', à exceção de *uxor*, vertida pelo elevado termo 'esposa'. Walsh verte *matrona* por *married lady* e os termos mais coloquiais por *woman*, o que permite manter a oposição entre a virtude implícita nos primeiros termos e a degradação dos outros. Preocupação semelhante levou Sers a opor *dame* a *femme*. Em 69, 3, *ut ego sic solebam ipsum meam debattuere* o registro baixo<sup>4</sup> é mantido pelos três tradutores, mas Bianchet é mais feliz com sua versão: "eu costumava transar tanto com a esposa do meu senhor".

Um dos percalços de qualquer tradução consiste em dar conta, da melhor maneira possível, da diversidade inevitável de contextos históricos e culturais, desafio tanto maior quanto um texto latino se refere a um mundo muito diverso do nosso. Um exemplo bastará, para termos uma noção da enormidade da tarefa. Trimalcião (76, 8) menciona que *hoc fuit peculii mei fermentum*, para referir-se ao início de sua ascensão social. Bianchet verte por: "isso foi o fermento de meu patrimônio". Walsh mantém o fermento, ao propor: "that was the leaven that made my fortune rise". Apenas Sers manteve tanto o fermento como o pecúlio, conceito fundamental em um contexto social escravista e chave para entendermos o personagem liberto: "ça a été le levain de mon pécule". Naturalmente, para o leitor moderno, *pecúlio* parece termo pouco usual, senão arcaico e obsoleto, pelo que as traduções podem privilegiar o nível expressivo – popular – como o fazem Bianchet e Walsh, em escolha justificada, em termos formais. Por outro lado, usar *pecúlio* seria romper com o caráter popular da fala, já que pecúlio causa estranhamento no leitor moderno, mas permite recordar que disso se trata: de um ponto de partida, da escravidão para a alforria, muito distante, portanto, da *fortune*, que o público de língua inglesa associará à revista *Fortune* e ao capitalismo, em associação de idéias tão natural quanto inadequada historicamente. Não se trata de condenar esta ou aquela estratégia de tradução, mas de explicitar os riscos de

4. Cf. J. N. Adams, *The Latin Sexual Vocabulary*. Londres: Duckworth, 1982, p. 153.

um ou outro projeto, ainda que me pareça que o estranhamento se justifique, tanto pela maior proximidade com o original como por lembrar ao leitor que de outra realidade se trata<sup>5</sup>.

As três edições recentes mostram como o renovado interesse por Petronio, em diferentes países, ligam nosso mundo contemporâneo àquele retratado no romance. Os motivos para isso podem ser muitos, tanto por retratar facetas do comportamento humano perenes, como por tratar de uma sociedade em que se debatem pontos de vista, como hoje, sob o olhar debochado, também agora corrente. Talvez, ainda mais significativa, seja a aparente atualidade de sua sexualidade, ligada à vida e à morte<sup>6</sup>. Como quer que seja, a leitura prazerosa dessas traduções incentivará novos e antigos leitores a repensar o mundo antigo e sua relação com nosso mundo contemporâneo.

Pedro Paulo A. Funari<sup>7</sup>

5. Cf. Paul Ricoeur, *La marque du passé. Revue de métaphysique et de morale*, 1, 1998, p. 15: *traduire, c'est à la fois habiter dans la langue de l'étranger et donner hospitalité à cet étranger au cœur de la langue.*

6. Cf. Peter Toohey, *Trimalchio's constipation: periodizing madness, eros, and time. Inventing ancient culture, historicism, periodization, and the ancient world*, edited by Mark Golden and Peter Toohey. Londres: Routledge, 1997, p. 50-65.

7. Professor Titular de História Antiga da UNICAMP, Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/UNICAMP), líder de Grupo de Pesquisa do CNPq.